

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ANITA MONTEIRO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil

Entrevistado – Anita Ivoni Camilotti Monteiro (A)

Entrevistadores – Anna Beatriz de Sá Almeida (B) e Laurinda Rosa Maciel (L)

Data – 07/08/2001

Local – Porto Alegre/RS

Duração – 1h07min

Transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade – Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

MONTEIRO, Anita Ivoni Camilotti. *Anita Ivoni Camilotti Monteiro. Entrevista de história oral concedida ao projeto A história da poliomielite e de sua erradicação no Brasil*, 2001. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024. 37p.

Fita nº 1 - Lado A

B – Projeto A História da Poliomielite e de sua Erradicação no Brasil, entrevista com doutora Anita Camilotti Monteiro, em Porto Alegre, no dia sete de agosto de 2001, entrevistada por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel, fita um. (**interrupção da gravação**) Então, doutora Anita, começando nossa conversa sobre a sua trajetória, a gente queria conversar um pouquinho sobre o seu nascimento, sobre os seus pais, se a senhora teve muitos irmãos? Contar um pouquinho da sua infância para gente e adolescência, mas sempre com vistas de pensar a importância da sua formação que a senhora teve, assim, de estar ligada à farmácia, à química, à saúde, não é? Como foi isso?

A - Está. Ah, meu pai se chamava Pedro Camilotti, minha mãe...

L - Qual é a origem, italiana?

A - Italiana.

B - Italiana.

A - A minha mãe, Inês Gazome Camilotti. Tenho três irmãos. Só eu de filha mulher, não é? E... casei com... meu marido se chama Sérgio Augusto Monteiro, é médico, tenho três filhos homens: (**risos**) Sérgio Luís, Carlos Francisco e o Ricardo. E ambos são advogados.

L - Os três!?

A - Os três.

L - Olha, que coisa!

B - Interessante!

L - Tem algum advogado na família, algum...?

A - Não.

L - Foi uma coincidência.

A - O meu sogro é médico, meu marido é médico; eu sou bioquímica, meus irmãos são engenheiros e meus filhos são advogados.

B - Advogados. Interessante!

L - É. Interessante. E seu pai era o que, doutora Anita?

A - Ele era um industrial.

L - Industrial. Daqui do Rio Grande mesmo?

A - Daqui do Rio Grande, mas...

L - A senhora nasceu aqui em Porto Alegre?

A - Não, nasci no interior, em Guaporé.

L - Guaporé? Veio para Porto Alegre quando?

A - Ah, sempre morei praticamente em Porto Alegre, porque nem conheço...

L - Guaporé é longe daqui?

A - Mais ou menos, eu não conheço bem a cidade... porque meus pais vieram para cá e eu estudei aqui Colégio Bom Conselho...

B - Ah, fez...

A - ...em São Leopoldo, a Faculdade é a Faculdade de Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não é?

L - Rio Grande do Sul.

A - ...de Farmácia e Bioquímica...

B - E como é que foi assim, o segundo grau e o primeiro... quer dizer, fosse o nome que fosse na época, mas esse momento de formação, o papel que teve a química, a biologia? Foram professores, a senhora teve convivência com pessoas...?

A - É. Eu tive... Eu sempre tive... Fui privilegiada, os colégios ótimos, Colégio Bom Conselho... um colégio com ótimos professores...

B - Bom Conselho?

A - Bom Conselho. Ótimos professores e... o que me levou a escolher a faculdade de Farmácia é que... sempre me atraiu o conhecimento dos medicamentos, a sua ação e resposta nos organismos, não é? E a Faculdade de Farmácia foi um curso completo, teórico e prático. Tive ótimos professores, que me capacitaram para o desempenho profissional e o curso preencheu plenamente as minhas expectativas.

L - Ah, legal!

B - E, assim, a vivência com a vida da pesquisa? Era comum nesse universo que a senhora estava se formando, as pessoas falavam de pesquisa, práticas de laboratórios?

A - Na época falavam. E, eu tive a oportunidade de ir fazer estágio na Santa Casa de Misericórdia... Eu trabalhei no laboratório...

L - Durante a graduação ou depois?

A - Durante a graduação.

L - Durante a graduação.

A - Eu fazia estágios voluntários, não é? É... em laboratórios particulares, como o Laboratório Marques d'Almeida, não é? Na parte de microbiologia. E, assim que eu me formei, eu me casei, no mês seguinte, e vim fazer um estágio no Instituto de Pesquisas Biológicas, onde conheci o doutor Newton Neves da Silva...

B - Ah, que barato!

A - ...que me indicou o Laboratório de Virologia, que ele era responsável. E, um mês depois, quando ele viu que eu havia gostado muito, ele me ofereceu um contrato e eu permaneço até hoje.

B - Até hoje. (risos)

L - O doutor Newton [Neves da Silva] era o diretor à época?

A - Era o diretor na época.

B - Na época.

A - Doutor Newton Neves da Silva.

B - Me diz uma coisa, o ambiente da faculdade, era muito comum mulheres na faculdade...?

A - Não.

B - Era uma opção...?

A - Não, naquela época eram poucas mulheres.

B - E teve boa receptividade, a senhora sentiu alguma forma de pressão?

A - Não, na verd... na verd... não, não senti alguma forma de pressão. Era uma... a faculdade... nós éramos em 11 colegas. O restante, nós éramos em 30 alunos, o restante eram homens. Que hoje em dia inverteu totalmente o papel, não é? E só existia aqui no Rio Grande do Sul essa Faculdade de Porto Alegre, não é? De Farmácia, na época. Então...

B - Não tinha privada nenhuma? Particular nenhuma? Nesse momento? Em Farmácia, não?

A - Nesse momento de Farmácia, não tinha. Era só Porto Alegre ainda a faculdade.

B - Era só Porto Alegre.

A - E eu gostei muito, foi um período ótimo. Gostei muito do ambiente, da faculdade, dos colegas.

L - E os professores, assim... teve algum professor que lhe chamou mais a atenção durante o curso, de cujas aulas que a senhora gostava mais... Enfim, que a senhora teve mais afinidade...?

A - Assim, de uma maneira geral, todas elas me atraíram, não é? E o doutor.. a parte de microbiologia...

L - Microbiologia.

A - ...foi uma das... foi a área que eu gostei mais, não é? E o professor, assim, que mais me chamava à atenção, era o doutor Declínio Bercker, que era um pesquisador em parasitologia, não é?

B - Qual era o primeiro nome dele?

A - Declínio.

B - Declínio Bercker.

L - Declínio Bercker? Ham...

A - Declínio Bercker. Era o pesquisador nosso na área de parasitologia. Foi nosso paraninfo na formatura. E... o que mais me atraiu mesmo dentro da minha formação, depois, foi aqui no Instituto de Pesquisas Biológicas, a parte de virologia com o doutor Newton Neves, não é? A parte de cultivo celular, que eu desconhecia, não tinha dado na faculdade e que gostei imensamente.

B - E tinha espaço dentro da faculdade, nas discussões, tanto da Farmácia como da Bioquímica para saúde pública? Para integração, pesquisa-saúde pública, para essa relação?

A - Não, na época, não... não, eu não lembro assim que houvesse como hoje, não é? Era uma... eram cadeiras específicas, não é?

B - Muito teóricas, não é?

A - Isso. E práticas também.

B - E práticas também. A prática era dada onde?

A - Todo o curso de química completo e era... Dentro da própria faculdade.

B - Tinha laboratórios bem equipados?

A - Todos bem equipados. Todos eles. Nós tínhamos aulas o dia todo. Não dava para se trabalhar, não é? Foi um curso essencialmente prático, não é?

L - Certo.

A - E tínhamos umas cadeiras que eram junto à faculdade de medicina, não é? A microbiologia, a parte de...

L - O prédio era próximo?

A - Não muito, não muito.

L - Mais ou menos, tinha que se deslocar um pouco.

A - Não é tão próximo. Mas eram cadeiras assim comuns. Inclusive nós dávamos junto... outros professores eram comuns, os professores na medicina e de farmácia, da veterinária, as cadeiras eram comuns e a gente... inclusive às vezes tinha aulas juntos.

B - De conviver com alunos de outros cursos, não é?

A - De outros cursos. Isso. Foi onde eu conheci meu marido, não é?

B - Ah! Que interessante! (**risos**)

L - Entre uma aula de microbiologia e outra, não é, doutora Anita?

A - É. (**risos**)

B - Ainda bem que tinha intervalo, não é?

A - É. (**risos**)

L - Para poder conversar melhor.

B - A senhora falou da vivência dentro dos laboratórios na faculdade, não é? E depois eu repito essa pergunta para pensar aqui, não é? No IPB. Mas, na faculdade já tinha um cuidado com a questão da, da segurança, das práticas laboratoriais, um cuidado com equipamento, um cuidado com a vestimenta, um cuidado com a manipulação? Como é que era a prática dentro do laboratório?

A - Nós usávamos um avental branco, não é? Que até hoje de usa aqui. E os professores tinham cuidado, quando trabalhamos a parte química com material tóxico, não, não usávamos luva. Quer dizer, era outro... outra época, não é? Diferente da de hoje.

B - Mas já tinha cuidado com os produtos tóxicos químicos, com os produtos...?

A - Químicos. Os professores, recomendavam muito. A parte de microbiologia: “Olha, esse material contaminado, vocês tomem cuidado...” não é? “...no manipular.”

B - Tinha cuidado com descarte, já?

A - Com descarte também. E a parte, assim, principalmente no produto tóxico, não é? Que nós trabalhávamos em capelas anti... para não...

L - Em capelas?

B - É o...

A - São aqueles...

B - Ah, exaustores.

A - Exaustores.

B - Ah, são os exaustores.

A - Isso. Não era capela de fluxo laminar como nós compramos hoje. Mas exaustores para produtos tóxicos. Isso é o que eu lembro, assim...

B - Isso, está. Aí a senhora fez um curso de especialização, não é? Em 65? Foi isso?

L - Logo depois que se formou, não é?

A - Exato. É. Mas esse curso não era de especialização...

B - Ah, não?

A - Esse curso era um curso de revisão de parasitologia, não é? Não foi um curso de especialização, mas apenas uma revisão e atualização da matéria de parasito, dada na faculdade, ministrado por professores dessa cadeira mesmo. Pelo professor Declínio? E seus assistentes.

B - O professor Declínio e os assistentes deles? Está.

A - É. Não era uma especialização.

B - E ele era...

A - Mas, foi um curso muito bom.

B - Ele era previsto para formandos... para formados?

A - Para formados.

B - Para pessoas graduadas?

A - Exatamente. para poder desempenhar melhor o papel dentro da área de análise diagnósticas.

B - Sei. Certo. Teve alguma monitoria que a senhora fez, que a senhora gostaria de destacar? Um trabalho direto com algum professor, um estágio, enquanto ainda graduanda?

A - Sim. Esse *Laboratório Marques de Almeida*, fui convidada pelo meu professor de Toxicologia...

B - Então a senhora ainda era aluna?

A - Sim, ainda era aluna, não é? E fui, trabalhei durante seis meses, acho, antes mesmo de me forma com ele, quando eu assumiria a parte de microbiologia.

B - Microbiologia. E era muito comum que os professores também fossem, é... pessoas que tivessem... médicos que tivessem laboratórios privados?

A - Sim, sim, sim. Sim, sim.

B - Isso era uma vivência comum.

A - Era comum...

B - Catedráticos que tinham laboratórios, que carregavam inclusive o peso do seu nome...?

A - Exato!

B - É era por aí, não é?

A - Exato. Era.

B - Está certo. E aí nós vamos cair no que a gente já começou a conversar um pouquinho, mas vamos entrar agora com mais força, que é conversar sobre o seu ingresso aqui no Laboratório, não é? De Virologia. Então, conta um pouquinho para gente, só para repetir, para ficar marcado como é que foi esse convite, como é que foi esse início, que equipe que a senhora encontrou...

A - Sim.

B - ...o universo de uma mulher aqui dentro? Se era um ambiente comum de outras pesquisadoras. Como é que foi esse início?

A - É, eu iniciei o trabalho no Laboratório de Virologia do Instituto de Pesquisas Biológicas, logo após concluir o curso de Farmácia. Na época, o diretor era o doutor Newton Neves da Silva, pesquisador com grande experiência e conhecimento e o qual me incentivou e apoiou muito. Iniciei com um trabalho de pesquisa sobre a ocorrência dos vírus Coxsakies na população de Porto Alegre, que foi ele que me indicou esse projeto, não é? Me orientou para que eu quisesse e... e esse projeto... e essa... pesquisa foi feita através da titulação de anticorpos anti-Coxsakie.

B - E esse projeto era parte da pesquisa dele?

A - Era...

B - Ou era uma coisa que ele tinha interesse de pesquisar e aí...

A - É que o laboratório, além de fazer os exames de rotinas, ele tinha também essas áreas de pesquisa e, esse era um trabalho que é uma parte de enterovírus que ele queria conhecer e

aproveitou que eu estava iniciando, não é? Para que eu fizesse um projeto e conhecer a situação de Porto Alegre, não é? A ocorrência desse vírus em Porto Alegre.

B - Interessante já ser enterovírus, não é?

A - Isso! É.

B - Enterovírus, categoria...

A - Era.

B - ...essa com qual a senhora prosseguiu na sua vida, não é?

A - Sempre.

B - Sendo a pólio...

A - Foi no início e prossegui até hoje, não é? E... e o trabalho de rotina no laboratório era de produção de cultivos celulares, não é? Que se fazia assim de materiais de camundongos, que já eram criados aqui dentro, nós fazíamos de rim, de coração, não é? Tudo no intuito de trabalhar mesmo essa parte que, na época, eram poucas as instituições no Brasil que faziam esse trabalho e o doutor Newton [Neves] tinha esse, esse interesse de fazer culturas primárias, porque elas tinham uma sensibilidade maior ao isolamento viral. Porque elas conservam todas as características desses animais, não é? E, também, trabalhávamos com linhas estabelecidas celulares, não é? Que era LLCMK2, a Hela, a Vero, entre outras.

B - Quer dizer, isso eu posso pensar que o Laboratório era uma referência já nesse momento? Era um lugar que realizava tipos de pesquisas que em outros lugares não tinham ou davam...

A - Com certeza!

B - ...uma tecnologia de ponta...

A - Com certeza!

B - ...já era um espaço assim, de ponta?

A - Pelo menos ele procurava, não é? que fosse esse laboratório e incentivava para que ele se tornasse, não é? Era um interesse do...

B - E geograficamente...

A - ...de um pesquisador, não é?

B - De um pesquisador. Geograficamente tinha um espaço para criação dos ratos?

A - Sim, tinha. Nós tínhamos um andar, tínhamos um biotério próprio...

B - Um biotério próprio?

A - Próprio porque o Instituto fazia a parte de vacina antirrábica e eram usados camundongos. Então, nós tínhamos todo um biotério... E esse mesmo biotério, às vezes, nós utilizávamos, não é? Camundongos para fazer pesquisas também, para fazer culturas primárias dentro do laboratório...

B - Do laboratório?

A - É. Ele fazia parte de toda a Instituição.

B - Me diga uma coisa, só para ficar claro para mim, o contato com ele foi via algum professor? A senhora sabia desse laboratório? Quer dizer, a senhora na faculdade... esse laboratório já era referência para a faculdade? As pessoas já comentavam dele?

A - Os meus colegas tinham esse conhecimento, mas na época eu tinha... eu já me dedicava mais a essa parte, não é? Tinha sido convidada pelo professor, não é? Antônio (incompreensível), para trabalhar no laboratório dele. Então eu nunca me liguei muito a esse Instituto. Mas, após...

B - Como foi o convite?

A - Após formada eu... conversando com um colega do meu marido, não é? Um médico, ele disse que conhecia o doutor Newton [Neves] e ele me recomendou e eu vim, me apresentei...

B - Ah, está.

A - ...e fui aceita, não é? Ah... outro trabalho, assim, que nós fazíamos na época era a titulação da vacina da poliomielite porque o laboratório tinha essa tradição de todas as vacinas que nós recebíamos, não é? Para ser distribuída para vacinação, vinha ao laboratório e eram tituladas, para ver se o título se mantinha, vê se havia perda de título, se havia sido feito...

B - O que é um título?

A - Um título é a... O título da vacina é a quantidade mínima necessária para que essa vacina produza o efeito dentro da... quando ela é ministrada nas crianças, na época. Então, a gente via se ela tivesse tido uma... porque o vírus era vivo, um vírus atuado vivo... E a manutenção teria que ser dentro de... de baixas temperaturas, ela não podia ter sofrido muitas variações...

B - E essa questão da... cadeia de frio sempre foi fundamental.

A - Sempre foi fundamental.

L - Fundamental.

A - (inaudível) Exato. Então o doutor Newton [Neves] já tinha essa tradição de titular as vacinas, porque nós recebíamos de diversas partes: era vacina russa, era vacina dos Estados Unidos...

L - Tinha que dar uma uniformizada, não é?

A - Exato. Então, quando ela chegava, antes de ser lançada, a própria Epidemiologia pedia, nós titulávamos e dizíamos: “Olha, contém tal título, então ela pode ser utilizada.” Esse era um trabalho de rotina nosso, já...

B - De rotina. Em que momento que a senhora marca o... que a gente pode pensar, vacinação aqui no Rio Grande do Sul, da pólio como rotina? Em meados dos anos... final dos anos 60, como rotina?

A - Quando foi que o doutor Cláudio inic...

B - Eles deram mais ou menos 67, não é? 68...

L - 68, 69, por aí.

B - A coisa virando rotina, quer dizer, o fluxo de importação de vacina...

A - É, eu senti...

B - ...é desse momento? Quando a senhora entrou já tinha?

A - É, eu senti que se iniciou realmente foi ainda na época do doutor Newton [Neves] e com os epidemiologistas que eram o doutor Cláudio [da Silveira], doutor Airton [Fishmann]...

B - Nos anos 70 mesmo.

L - É.

A - ...foi, foi quando se caiu na... mesmo, que houve aquele interesse assim, e que foi feita pesquisa e foi estudado, e era buscado esse paciente, era feita a investigação, nesse momento...

B - Foi aí?

A - ...foi que nós iniciamos de fato. Mas as vacinações já eram feitas antes.

B - Já eram?

A - A titulação das vacinas, já era... já se trabalhava. Por isso que o doutor Newton [Neves] como médico e pesquisador já tinha esse interesse e essa... já previa essa situação, não é? E, paralelamente a esse trabalho já com a Pólio, com a titulação de vacina, com os cultivos, o doutor Newton [Neves] tinha também outras linhas de pesquisa e... com outras doenças. Porque ele trabalhava dentro de hospital e uma das coisas que eu lembro ainda que ele trazia para nós e que me chamava a atenção eram peças assim de materiais cirúrgicos, como de tumores de Burkitt em que nós fazíamos ao tentarmos o isolamento, porque se sabia pela literatura que eram, na época, eram causados por vírus e nós tentávamos já o isolamento...

B - O isolamento.

A - ... desse vírus. E esse nós tínhamos... nós conseguimos isolar.

L - Que hospital que ele trabalhava?

A - Era o Ernesto Dorneles.

B - Que já era um hospital público?

A - Aqui pertinho...

L - É o dos Servidores do Estado?

A - Aqui perto. Isso!

L - Tumores de quê que a senhora falou?

A - Burkitt, é um tumor.

L - Como... que se escreve?

B - A (inaudível), depois a gente vai ganhar isso, a gente confere... (risos)

L - Ah, está...

A - Com o aumento dos casos de poliomielite e com o interesse e com a entrada da epidemiologia já assim... dentro do laboratório, podemos dizer, porque daí houve aquele intercâmbio mais ligado, não é? É... devido a investigação, não é? Dos casos de Poliomielite, o

laboratório direcionou naquele momento o seu trabalho, não é? Desenvolvendo e melhorando o isolamento viral e a titulação de anticorpos antipólios já com uso da micro técnica...

B - Certo, aí vai entrar na parte da técnica.

A - Exato. Porque no início nós fazíamos o isolamento viral. Não se fazia a titulação de anticorpos, o quanto ela era feita, por exemplo, a pesquisa dos Coxsakies que eu fazia era com macro técnica.

L - Certo.

A - Então há o uso de uma quantidade de material muito maior, não é? Muito mais trabalho...

B - E mais caro também?

A - Tudo mais caro, não é? Se gastava muito mais. E com o grande número, não é? de materiais que começaram a entrar com a epidemiologia, nós passamos então para micro técnica.

B - Para micro técnica. Me diz uma coisa, a senhora falou de intercâmbio, não é? Entre o laboratório e os epidemiologistas.

A - Sim.

B - Me diz... como é que era a vivência quando a senhora ingressou e nesses primeiros anos que a senhora estava aqui, do intercâmbio do laboratório com outros serviços de saúde do Estado. Já havia o serviço de saúde da tuberculose; já existia o serviço de saúde da lepra; já existiam outras doenças com serviços próprios. O laboratório era integrado com a esses serviços? Havia sempre esse intercâmbio de ação? (**pigarro**)

A - Eu, eu acredito que havia, mas por exemplo, no caso da Virologia, que era o trabalho que eu iniciei, que... naquele momento eu desconhecia o restante do Instituto, quem fazia a maior parte dessa integração era o doutor Newton Neves da Silva, como diretor e como conhecedor do assunto, porque na época eu estava iniciando, eu conhecia pouco, não é? Mas, o intercâmbio, realmente, iniciou no momento em que o doutor Cláudio [da Silveira], a equipe dele, revolveu a erradicação, não é? Trabalhou para que a Poliomielite fosse erradicada.

B - Quer dizer, a Pólio é um marco dessa...

A - É, disso.

B - Dessa integração maior, não é?

A - Dessa integração maior. Pelo menos foi o meu trabalho especificamente. Antes eu não posso assim precisar.

B - Era uma equipe grande que a senhora tinha...

A - Olha...

B - ...na virologia, não?

A - A virologia quando eu entrei, havia a doutora Dorothea Ferlin, que trabalhava, que era a responsável pelo laboratório, uma médica, não é? Muito experiente, inteligente, grande conhecedora do assunto. E, uma pessoa que muito marcou e que seguiu muito foi o senhor Americano Vidal.

B - Americano?

A - Americano Vidal. Era uma pessoa de total confiança por parte da direção e de uma experiência muito ampla, muito dedicado e que marcou demais, não é? O laboratório de virologia.

B - Ele também era virologista?

A - Ele era anali... ele, ele tinha... eu não sei bem a formação dele. Mas é uma pessoa que sempre esteve presente, sempre muito ao ligado ao doutor Newton [Neves] e ao laboratório. Ah... mas dentro da virologia muitos colegas passaram. Mas, poucos permaneceram por mais tempo. E... porém o fato que mais me marcou nesses anos todos, foi o apoio que recebíamos na Fiocruz, doutor Hermann [Schatzmayer], porque foi incansável, nos atendia a qualquer momento e em qualquer situação, não é? E selecionando ocasionais problemas surgidos. Se colocando à disposição, tanto vindo em nosso laboratório, como nos recebendo na Fiocruz.

B - E a senhora me contou ali, quando a gente estava conversando no início, que justamente quando a senhora ingressou, já de pronto o doutor Newton [Neves] falou: “Você tem que conhecer o Hermann. O Hermann tem que saber de você”. Como é que foi...?

A - Essa integração já havia.

B - Já foi ali... desde o início...

A - Desde o início...

B - Desde o início o contato com ele foi feito...

A - Mesmo antes da epidemiologia chegar.

B - Por doutor Newton [Neves] achar importante?

A - Por doutor Newton [Neves] achar importante, não é? Essa convivência com um laboratório maior de referência para que o trabalho tivesse mais qualidade e fosse mais... um trabalho de maior peso, não é? E o doutor Hermann foi a pessoa com quem sempre eu tive contato desde o início. E sempre se prontificou. E, eu acho que foi ele que viabilizou que o nosso trabalho fosse desenvolvido da maneira que foi.

B - E sempre com idas e vindas.

A - Sempre com idas...

B - A senhora ia ao Rio ou ele vinha aqui?

A - Ou ele viria. Nós... ele veio para fazer a primeira pesquisa de águas em Porto Alegre. Foi o doutor Newton [Neves] que trouxe o doutor Hermann. Comprou todo um equipamento novo, que não época não existia, e era um trabalho que começava às 10 horas da manhã e terminava às 11 horas da noite. Nós começávamos com uma quantidade de 10 litros de água, terminávamos com cinco mls, então era um trabalho assim exaustivo, mas muito para a época um trabalho assim... completamente diferenciado que eu acredito que não resto do Brasil, não sei se já faziam, não é?

B - Isso foi o quê? Anos 70?

A - E o doutor Hermann, acredito que fazia no Rio. Tanto é que ele veio aqui montar para nós.

B - Foi em 1970, 70 e poucos?

A - É, por aí.

B - Foi por aí?

A - Nessa época. Eu não sei precisar exatamente a...

B - Ah, mais vai ser ótimo para gente poder conversar com ele para ele falar da origem desse trabalho, não é?

L - É. Exatamente. É.

B - Se isso era uma técnica comum no país, não é?

A - É.

B - Para gente inclusive entender...

A - ...a parte e para vocês entenderem...

B - O papel do Rio Grande do Sul nisso, não é?

A - O pa... exatamente, o papel do nosso Instituto e do nosso diretor, não é? Para poder evoluir e trazer já melhorias para nossa cidade.

B - Sem dúvida.

A - E eu me lembro que o doutor Hermann partiu de pontos para coleta desse material, falando com o DEMAIC, nós já tínhamos um trabalho todo feito de bacteriologia, não é? Então esses pontos que já nós conhecíamos o teor de contaminação bacteriológico, ele selecionou. Eram, se eu não me engano, dez pontos em Porto Alegre, não é? Selecionou para nós fazermos a pesquisa de enterovírus, não é? E também da Hepatite A, ele tinha esse interesse, de ver, não é? se... e a parte de enterovírus, não é? Que nós tínhamos já um índice alto de contaminação da poliomielite de isolamento viral e nós acreditávamos que às 10 horas era o momento de qualquer descarga e que esses vírus produzidos desembocariam, não é? Mas fizemos esse trabalho na época.

B - Que trabalho! Não é?

L - Doutora Anita a senhora falou um pouquinho aí para trás, que muitas pessoas passaram, não é?

A - ... muitos colegas passaram pelo laboratório...

L - Pois é, aí eu queria perguntar uma coisa assim de curiosidade. Existia uma política assim de fixação desses pesquisadores aqui no Instituto? Como é que era, era concurso? O salário era razoável? É... ou essas idas e vindas era porque as pessoas ficavam aqui, desenvolviam um projeto e iam embora?

A - Eu...

L - Como é que era isso, existia muita rotatividade?

A - Existia...

L - Ou a senhora constituiu uma equipe...

A - Existia a rota...

L - ...como é que era isso?

A - Existia a rotatividade, eu acredito que esse trabalho é um trabalho assim muito diferenciado e o doutor Newton [Neves] tinha por norma, ele era o responsável pelo laboratório de virologia e era assim, pelo menos que a doutora Dorothea me falou, sempre se iniciaria... qualquer a pessoa nova dentro da instituição, iniciaria pela virologia.

L - Certo!

A - Aí as pessoas... eu acredito que quando houvesse interesse permaneciam, porque foi... o meu caso foi assim...

L - Certo.

A - ...que ele mostrou maior entusiasmo, quando eu disse para ele que já conhecia as outras áreas e não tinha interesse de conhecer as demais e ele me ofereceu a bolsa e em seguida um contrato... pra que eu permanecesse dentro do laboratório.

B - Na virologia.

A - Na virologia.

L - Certo.

A - Mas, a maioria das pessoas permanecia por um período, mostravam interesse por outra área, saíam, a formação também era mais variada. Na época, havia muitos médicos que passaram pelo Instituto; havia uns veterinários; bioquímicos; biólogos eram em menor número, quase não existia na época, não é? A maioria mesmo era médicos e bioquímicos.

L - Certo.

A - ...dentro desse... setor.

B - Desse setor.

A - É. E o laboratório também de virologia, é... ele possuía um convênio com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da qual nós recebíamos apoio técnico, contávamos com um profissional de grande experiência e conhecimento e acima de tudo um grande amigo que foi o doutor Domingos Telecher Clausel, que era o que trabalhava com... antes de passar lá para virologia ele trabalhou também com antivariólica, não é? Ele é que produzia essa vacina aqui no Instituto. E depois ele passou, não é? Estava professor da faculdade e nos assessorava também dentro do laboratório de virologia.

B - E ele chegou a trabalhar também com a pólio?

A - Ele mais como um...

B - Assessor.

A - Orientador, como um assessor, não é? Qualquer dificuldade nós pedíamos o auxílio dele aqui em Porto Alegre, não é?

B - E a experiência dele com a varíola...

A - Foi incrível! Era uma pessoa que trabalhou nos Estados Unidos, trabalhou no Pasteur na França, então era realmente uma pessoa de um conhecimento muito, muito amplo e de muita valia para nós...

B - Já que a gente falou da varíola... só para... interrompendo a senhora um instantinho, só para aproveitar... é... a varíola era uma questão presente para vocês dentro da faculdade? Por que vocês estavam num momento em que se estava trabalhando a erradicação da varíola, não é? Tanto que em meados em 70, não é? a erradicação é em meados de 70, não sei...

L - Da varíola?

B - Da varíola.

L - É, eu acho que é 74...

B - 74, não é? Uma coisa assim.

L - Por aí.

B - Quer dizer, é o momento em que fala-se de varíola, busca-se varíola, não é? As famílias vivem a varíola, a população vive a varíola. Isso era presente... era...

A - Aí... pro Instituto era uma coisa assim muito importante, pro doutor Newton [Neves], porque ele me mostrava os boletins da OMS na época, em que o Instituto de Pesquisa Biológica de Porto Alegre era citado como produtor de vacinas e pesquisador na área de cultivo de celular e isolamento viral.

B - Que barato!

A - Ele tinha o maior orgulho dessa parte e o doutor Cláudio [da Silveira] era o responsável por essa produção, na época.

B - E a senhora, assim, tinha alguma relação com a doença assim de expectativa ou de temor ou de referência...

A - Não, eu nunca me liguei nessa... sempre fiquei mais na área da virologia, dentro da parte enterovírus, não é?

B - Da entero mesmo.

A - Porque já era um campo muito amplo e desconhecido na época. Nós tínhamos pouco conhecimento, não é? E poucos laboratórios no Brasil que trabalhavam, então eu sempre me detive mais dentro dessa... dessa linha. Porque era impossível...

B - Ah, era?

A - Já se passar para outras, não é? E entre outros colegas, não é? Que mais contribuiu dentro da virologia, dentro da área de poliomielite, nós poderíamos citar a doutora Mirtha [S. M.] De Naval que o doutor Cláudio [da Silveira] contratou na época, que era uma virologista argentina...

B - Quem contratou?

A - O doutor Clauzio... ah, doutor Clauzio não. Doutor Cláudio da Silveira.

B - Da Silveira...

A - Isso. Ela era uma bioquímica com grande conhecimento e que muito também ajudou nessa área de diagnóstico. A doutora Neida Duarte Ávila que era uma Bioquímica também, nossa colega, trabalhava na virologia e era professora da microbiologia da Universidade Federal [do Rio Grande do Sul], na Medicina; a doutora Rosaura Kirsten, outra colega Bioquímica, que sempre esteve também trabalhando conosco, não é? O senhor Americano Vidal, que eu já citei antes, não é? Do qual eu recebi a maioria dos conhecimentos práticos, junto com a doutora Dorotheia Ferlin, não é? E um grupo de auxiliares extremamente dedicados, que foram: Geci Garrido Barreto, não é? Sonia Custódio, Cleusa Oliveira da Costa, Sandra Nestor e Sara. Todos os materiais que nós utilizávamos na época eram recebidos de Bethesda, na Maryland, Estados Unidos, não é? Que mensalmente entregávamos a lista do material necessário ao doutor Newton, que encaminhava o pedido, o qual era atendido normalmente.

B - E recursos para isso? Ele contava com o apoio total do Estado ou ele também fazia parceria com instituições de pesquisa...

A - Essa parte eu não tenho conhecimento.

B - Não?

A - Mas, eu acredito que o doutor Cláudio [da Silveira] possa responder melhor. Eu sempre... ele sempre me pediu que eu fizesse uma relação dos materiais e sempre era enviado...

B - E isso pro doutor Cláudio?

A - Não, pro doutor Newton [Neves].

B - Newton [Neves]?

B - Doutor Newton [Neves] e ele sempre me...

L - E o material chegava?

B - Ah, que coisa boa! (**riso**)

A - Sempre, sempre, sempre. E era na quantidade pedida e mensalmente. E a contratação das pessoas, que me foi feita a pergunta antes, não é? Quando eu chegava, era... na época não era através de concurso, tanto é que eu nunca tive um concurso para farmacêutico. O primeiro concurso que houve depois de formada foi em 94.

L - Nossa!

A - Que eu fiz este concurso e depois de anos de trabalho (**risos**) eu fui... Estou hoje estatutária por esse concurso que só em 94... antes eu era contratada pelas leis trabalhistas.

L - Mas todo esse tempo de casa anterior a senhora contou, certamente, não é?

A - Eu era contratada como bioquímica com contrato...

B - Com contrato particular, não é? CLT e tal...

A - É CLT. Exatamente.

L - Ah, está.

A - Então, de Bioquímicos nós só tivemos esse em 94, que foi o que me prendeu porque quando eu assumi eu tive que permanecer mais cinco anos. Eu desconhecia esse fato e hoje ainda me encontro no trabalho. Estou a trinta e quatro anos trabalhando...

B - Tem que ficar mais cinco para cumprir o prazo? Meu Deus!

A - Para cumprir o Prazo.

L - Além dos 34 anos!? Ah!

B - É. Porque o concurso prende você por cinco, mas já passamos. Quer dizer, tem outras coisas que prendem.

L - É. (**risos**)

A - Não. É... que dizer, agora já me faltam só dois, não é? Foi em 94 que eu fiz o concurso...

L - Isso, mais cinco, 99.

A - Só nos chamaram em 98.

L - Ah! Não acredito!

A - Foi assim.

B - É.

Fita 1 - Lado B

B - ...auxiliares, técnicos e me veio a questão de gestões, não é? Mudanças de pessoas que estão na gestão. Então é o doutor Newton [Neves], desde 67, quando a senhora ingressou. Aí tem um momento, pum! Anos 80, doutor Cláudio [da Silveira].

A - Está certo.

B - Não é? Quer dizer, tem um momento aí da história da instituição, não é?

A - É.

B - Como é que a senhora marcaria e a senhora faria uma caracterização para gente dessas duas gestões e outras... a atual. Quer dizer, como é que essa questão de gestões, não é? No cotidiano do trabalho? Interferiu ou não, modificou, ampliou?

A - São características completamente diferentes. O doutor Newton era um diretor assim, que passava diariamente em todos os setores. Conhecia assim...

B - Todo mundo. (**risos**)

A - ...particularmente todas as pessoas. Conhecia, em profundidade, todas as áreas de trabalho, não é? E... acredito que... e ele esteve 16 anos na direção dessa Instituição... são muitos anos, não é? Tinha assim, uma amizade muito grande com todos os médicos, não é? Era um... eu acho que foi uma gestão completamente diferente das demais que eu passei. Com o doutor Cláudio, eu já tive... eu já tinha uma amizade, uma grande convivência com ele, ele como epidemiologista, não é? Me trazia todos os casos. Nós trabalhávamos juntos. Ele, muitas vezes, discordava (**risos**) dos resultados. Mas nós sempre conseguimos o...

B - Chegar num acordo?

A - ...Chegar a um acordo, porque o nosso interesse era comum. Nós queríamos, simplesmente, o bem. Nós queríamos erradicar uma doença e, tanto da parte dele, quanto nossa...nós não medíamos esforços. Não havia domingo... Eu cheguei, inclusive a vir trabalhar num Natal, porque, devido às epidemias, para não perder e para não atrasar esses resultados. Então, isso aí, eu acho que o que mais marcou, e o que mais nós nos respeitamos é realmente sobre o trabalho.

B - O trabalho?

A - Isso. E eu fiquei muito trancada dentro de um laboratório porque a quantidade de trabalho era muito grande, muito ampla...

B - Muito grande...

A - ...poucas pessoas, não é? E eu não tive esse contato maior com o resto da Instituição.

B - E a virologia era a base para pensar como a campanha ia agir, não é? Ela era a base para pensar onde vamos atuar.

A - Exato.

B - Quer dizer, o resultado era fundamental pro dia seguinte, não é?

A - Exato. Exatamente! E era assim, nós tínhamos que dar o resultado. Olha, cada vírus isolado era uma campanha de vacinação.

B - Isso!

A - Nós tínhamos que ter esse resultado imediato. E era assim... muito... o laboratório tinha um papel importante, mas o mais importante era a epidemiologia. Porque se não fosse os epidemiologistas, com aquele trabalho árido que tiveram, nós não teríamos conseguido erradicar uma doença.

B - É. E é uma coisa de equipe, de juntar esforços, não é? Eles coletavam as fezes, traziam rapidamente...

B - Traziam o material.

B - Em 48 horas tinha que ter, depois repetia, não sei como, não é? Então...

A - Exato. É. O trabalho não... e o trabalho muito... para dar um resultado, era um trabalho muito longo.

B - Muito longo, não é?

A - Às vezes levava um mês, às vezes levava mais tempo, não é? Então assim que nós tínhamos o resultado, imediatamente a gente avisava: “Olha, está positivo”, não é? Então... eles atuavam...

B - Eles iam fazer a aquela vacinação do entorno, eles iam nisso?

A - Atuavam, não é? Dentro da área deles...

B - É uma rede, não é?

A - É.

B - A virologia, a epidemiologia...

A - É um trabalho de equipe... É um trabalho de equipe...

B - É uma rede, não é?

A - Exato.

B - É muito interessante.

A - É.

L - Doutora Anita, a senhora trabalhou desde quando entrou com o doutor Newton, até quando?

A - Até a entrada...

L - Quer dizer, ele permaneceu... Ele foi diretor 16 anos.

A - 16 anos. Mas, quando eu entrei, eu trabalhei com ele oito anos já... Eu já entrei em 67...

L - Certo.

A - Ele já estava há oito anos aqui e permaneceu... eu sei que eu trabalhei, no total, oito anos eu acho, eu acredito, junto com ele.

L - Certo.

A - Eu não sei precisar bem a data.

L - Ele ficou até 70 e...?

A - Até a entrada do doutor Cláudio da Silveira aqui, que foi o que o substituiu na direção, na época, com um estilo completamente diferenciado dele... É um homem que vinha de...

L - É.

B - De formação diferente também.

A - ...de uma formação diferente, e uma época diferente também, não é? Então, acho que isso mudou.

L - É um pouco aquilo que a gente conversou, não é?

A - Isso.

B - A sua ida para chefia do laboratório? Como foi o convite? A senhora tinha dois anos que estava aqui, não é? 67, 69...

A - Foi um...

B - Doutora Dorothea saindo...

A - Saindo, porque quando eu entrei já... a doutora Dorothea, a intenção dela já era ir para faculdade, e se dedicar a anatomia patológica...

B - Ao estudo... ao ensino, aliás.

A - Foi o que... na época, eu lembro, e... com a saída dela foi que o doutor Newton, eu era a pessoa que estava junto, trabalhando no laboratório, já há dois anos, também já com uma

experiência. Ele me chamou e ao mesmo tempo chegou a epidemiologia, me apresentou como a pessoa no momento, fazendo... Foi surpresa para mim também, mas na época era uma pessoa com quem eles contavam, não é? Não havia muita escolha.

B - Escolha.

A - Eu acredito. (riso)

B - Ah, isso é fantástico! Nossa! E aí no caso, a senhora, do laboratório, da equipe a senhora já falou, dos intercâmbios a senhora já falou. Sempre que a gente pensa um laboratório em funcionamento, em contextos diferentes: dificuldades. Houveram dificuldades que a senhora destacaria? Houveram questões que a senhora colocasse assim como questões que queria ter feito mais, queria ter modificado? na sua gestão.

A - Eu acredito que, dentro da época e o que nós tínhamos para época, o doutor Newton [Neves] fez o possível, o doutor Cláudio [da Silveira] também, porque os recursos eram limitados. Não eram... Nós não temos de hoje, não é? Que nós temos a biologia molecular. Naquela época, o nosso trabalho era um trabalho de campo, de base... E nós, dentro daquilo, nós fizemos o possível e o máximo. Porque sempre contamos, não é? com o apoio do doutor Hermann, do Instituto Fiocruz, não é? E o doutor Newton tinha esse cuidado. Qualquer labo... qualquer... qualquer novidade, ou qualquer... qualquer fonte, que ele pudesse assim melhorar, ele entrava em contato e também nós mandávamos e o doutor Hermann se prontificava a nos... e nós nunca estivemos desligados do Fiocruz. Então eu acredito que foi feito o possível para época, não é? E todos os cursos, não é? Que o doutor Newton solicitava que o doutor Hermann viesse, sempre era qualificação e atualização do trabalho, não é? Bem como, uma integração com aqueles técnicos, que eram, para nós, mais desenvolvidos e tinham uma experiência maior...

B - Maior.

A - E poderiam, não é? Nos auxiliar para que nós tivéssemos um trabalho mais qualificado. Então, eu acho que foi feito...o máximo dentro da época. Eu não acredito que pudesse, se fazer.

B - E tinha sempre uma preocupação de estar com a tecnologia...

A - Atual.

B - Mais moderno possível...

A - Mais moderno possível...

B - Naquele momento.

A - Ele não media esforços para trazer.

B - O intercâmbio com Instituições sempre...

A - Eu acredito que até...

B - Era comprado da Rússia? Era...

A - ... até... eu acredito que até avançando porque aquela pesquisa em águas, não era feito, não era normal fazer no Brasil. Eu acredito que ele até tentava avançar, não é? dentro do possível.

B - Tinha muito pioneirismo na atuação dele, não é?

A - Isso, isso. Para mim, eu enxergo ele assim, eu lembro dele dessa maneira. E principalmente porque ele me mostrava... tinha aquele orgulho com aqueles boletins todos da Organização Mundial, não é? Que nos citava, não é?

B - É. A senhora tem referência para gente no seu currículo de um curso que a senhora fez não é? Em 71.

A - Sim

B - ...de saúde pública. Aqui, era um curso de virologia... Aqui não, que a senhora deve ter inclusive sido professora do curso também, porque foi ministrado pelo Hermann, doutor Hermann, e pelo doutor Eduardo Costa. E tinha um papel de ser um curso de lá aqui. Quer dizer, devia ser uma atualização para os profissionais daqui, não é? Tentando sempre fazer o que a senhora chamou de reciclagem, não é?

A - Então eu vou falar assim...

B - Em geral. Pode...

A - De uma maneira, de uma maneira geral, todos os nossos cursos de todas as nossas idas lá...

B - Lá.

A - ...pro Fiocruz, sempre eram realizadas quando havia convite de cursos normais.. lá realizados, ou quando tinha os problemas técnicos de difícil solução. E, em todas as oportunidades em que lá estivemos encontramos apoio e solução. E essa vinda do doutor Hermann foi a pedido do doutor Newton, na época, para que nós nos atualizássemos... podermos fazer um trabalho muito melhor, não é?

B - E o doutor Eduardo [Costa] na época estava aqui no Rio Grande e...

A - Não, ele já estava...

B - Já estava lá na Fiocruz.

A - Lá na Fio... no Fiocruz. No Laboratório de Viroses Congênicas, quando nós estivemos resolvendo problemas que surgiram na técnica do diagnóstico da rubéola.

B - Ah, então, por exemplo, esse laboratório de vírus da Fiocruz, esse período que vocês ficaram lá foi em função de uma...

A - Em função da rubéola.

B - ...necessidade da rubéola daqui e foi...

A - Da rubéola. para vocês sentirem que sempre que havia um problema, a nossa referência era a Fiocruz e nós sempre buscávamos solução. Se um técnico não viria a Porto Alegre, nós iríamos, sempre iríamos ao Fiocruz.

B - A Fiocruz.

A - Então, essa a ligação nós tivemos sempre, sempre, sempre.

B - Ótimo!

A - E nós fomos recebidos na época pela doutora Rita Nogueira, que imediatamente selecionou o problema e nós retornamos com o problema...

B - Com a questão resolvida.

A - Com a questão resolvida e não houve mais problema a partir desse momento, também.

B - Desse momento.

A - ... normalizou...

B - Esse foi quando foi viroses congênicas, não é?

A - Exatamente.

B - Teve um momento anterior, 74 e 75, que a senhora fala de um laboratório de vírus da Fiocruz, um estágio lá. A senhora ficou um período maior no Rio?

A - Não.

B - Lembra-se disso?

A - Não.

B - Sempre meses ou semanas...

A - Não, sempre semanas.

B - Semanas.

A - Sempre semanas e... sempre foi para resolver problemas que estavam naquele momento...

B - Ali, pontuais.

A - E nós tínhamos um trabalho muito grande aqui. Nós não poderíamos sair nessa época e ficar mais tempo.

B - Mais tempo.

A - É. Sempre foi para resolver problemas imediatos.

B - Problemas não é?

A - É.

B - E a senhora está acompanhada sempre de publicações. Quer dizer, há sempre uma preocupação de...

A - Sim.

B - De divulgar a pesquisa. De estar formando pessoas... Informando e formando, não é?

A - Sim.

B - Tem trabalhos de coautoria com a Neida Ávila e com a doutora Dorothea Ferlin, não é?

A - Sim.

B - Tem trabalho seu com o doutor Jorge Bermudes, quer dizer, há sempre essa preocupação... um artigo da senhora...

A - Sim, porque eu me sentia na responsabilidade, que um laboratório de virologia em que não havia muitos técnicos... eu pensava: “Se nós não publicarmos o nosso trabalho, ficaria perdido”. E... Houve uma época também que o... que nós atendíamos o... laboratório de... do Paraná... o laboratório... não... não tinha esse trabalho no Paraná e Santa Catarina e nós atendíamos...

B - Toda a região sul do Brasil.

A - Toda a região sul. E, no para... e a preocupação surgiu, na época da publicação do trabalho, com uma grande epidemia de pólio no ano de 79 e 80, onde 290 casos do Paraná, nós encontramos 175 amostras positivas para pólio I...

L - Caramba!

A - ...e 11 positivas para pólio III. Ao compararmos com as amostras do Rio Grande do Sul, que eram em número menor, verificamos que a única diferença nesses pacientes era o estado vacinal. As crianças do Rio Grande [do Sul] haviam recebido algumas doses de vacina, enquanto que as do Paraná, nunca haviam sido vacinadas.

B - Vacinadas.

A - E a maneira que eu encontrei para mostrar esse fato e buscar alguma solução, foi publicando esse trabalho.

B - Ah! Que é esse da Revista de Microbiologia...

A - Exatamente!

B - Em São Paulo, de São Paulo.

A - Que chamava a atenção. E eu citei essa parte: “Olha, essas crianças não são vacinadas.” Os médicos na época entravam assim, em contato periodicamente comigo, até na minha casa à noite, porque as crianças, havia um grande número de óbitos, eles acreditavam que não poderia ser já uma pólio, devido a gravidade da doença e eu me lembro que eu afirmava: “Não, mas o nosso material, as crianças não são vacinadas.” E, isso me levou à uma séria preocupação e eu acreditei que publicando um trabalho, isso resolveria de alguma forma e estaria mostrando a realidade que alguma coisa deveria ser feita.

B - Ser feita, não é? Claro! Alguma alteração feita, não é?

A - Isso. Então, sempre, sempre que alguma publicação eu fiz, que algum curso eu fiz, que alguma... eu busquei alguma informação, era única e exclusivamente visando a melhora e/ou que aquela doença fosse eliminada.

B - Inclusive Congressos, não é?

A - Congressos.

B - Tinham uma prática de apresentar os Congressos porque os...

A - Isso!

B - ... como espaço de... de discussão, não é? De troca.

A - De troca e de informação para parte clínica. Nós queríamos que o... que os médicos soubessem e que buscassem esse...

B - Como é que era... os pediatras aceitavam bem? Tentavam participar, divulgavam bem? Notificavam?

A - Essa parte era feita depois pela epidemiologia, porque na época era pouco conhecido, não é? E aí esse trabalho era feito pelo doutor Newton [Neves] e aí depois com a chegada do doutor Cláudio [da Silveira], com a entrada da epidemiologia aí, houve essa divulgação muito ampla, já a pólio tomou outro... Esse trabalho tomou outro caminho, outra direção, que foi o que ajudou para solução.

B - Para solucionar.

A - Mas realmente era um problema muito grave, muito sério e não se podia admitir que quando nós tínhamos uma vacina de fácil administração, não é?

L - É.

A - E com a eficiência tão...

L - A senhora vê como era falha a questão da vacinação de rotina, não é?

A - Exatamente.

L - Depois que vieram os Dias Nacionais de Vacinação...

A - A pólio foi sendo eliminada.

L - É. aí teve... é, exatamente.

A - Exatamente. E o laboratório de referência Fiocruz foi fundamental para erradicação da poliomielite. Pois sem esse apoio, teria sido impossível a realização deste trabalho de maneira uniforme num país de grande extensão e diferenças como é o Brasil.

B - Sem dúvida.

A - Não é? E fundamental também foi o trabalho da vigilância epidemiológica. Essa integração laboratório e vigilância e um laboratório central de referência, não é? com pessoas com a capacidade que tem a Fiocruz. Foi fundamental!

B - E com a disponibilidade que o doutor Hermann sempre demonstra, não é?

A - Sempre demonstra... sempre. Com aquela dedic...

B - Uma pessoa tal cheia de coisa, mas sempre tem espaço...

A - Com aquela simplicidade, com aquela bondade de nos receber a qualquer hora. À noite, eu cansei de chegar na minha coisa preocupada, não consegui uma ligação de dia, eu tinha o telefone eu ligava, ele mesmo retornava a ligação para mim. Então, a integração foi muito, muito ampla. E foi... nós tivemos uma ajuda muito grande.

B - E essa questão que a senhora colocou da integração, da busca de trabalhar integrado. Esses encontros nacionais de diagnóstico de enterovirose, não é? alguns ocorridos na Fiocruz, não é?

A - Sim.

B - Eles eram uma promoção do Ministério, da Fiocruz? A senhora chegou a participar desses encontros?

A - OPAS e Ministério, todos eles.

B - OPAS?

A - Todos eles eu era representante, não é?

B - OPAS e Ministério?

A - E eu sempre participei. E, todos esses seminários nacionais foram fundamentadas na erradicação da pólio. Pois eram feitas apresentações de todos os trabalhos realizados nos laboratórios de cada estado...

B - Ah, que ótimo!

A - Debatidos, apresentadas as dificuldades, as faltas de materiais e procurava-se as soluções ideais a cada laboratório e juntos nós padronizávamos as condutas e os fluxos

B - Ah, que ótimos!

A - Para que o trabalho fosse feito de uma maneira central e uniforme em todo o Brasil. Eu acho que foi isso que levou à erradicação da pólio. Foi exatamente essa... o Ministério entrando, a OPAS, não é?

B - Mais do que encontro na verdade, eram grupos de trabalho...

A - Eram grupos de trabalho...

B - Efetivo ali. Uma força tarefa mesmo.

A - Isso. Nós íamos para fazer as normas que fossem aplicadas para poliomielite. Nós éramos o grupo de trabalho. Eu tenho aqui um... está separado, posso mostrar. Eu... Ah, aquele livro com o doutor [Jorge] Bermudes, não é um livro, é um manual de trabalho...

B - Ah, é um Manual.

A - ...que eu até (**ruído**)... eu vou entregar a vocês. São as normas, métodos e técnicas para diagnóstico em laboratório das enteroviroses em especial da poliomielite, não é?

B - Da poliomielite.

A - Então, feito no Ministério e os participantes, não é? Na época éramos nós todos... e ...os laboratórios dos estados, não é? Aqui encontro o meu nome e todos os que participaram nessa...

L - Nos Estados...

A - ...nessa época.

B - Nessa época.

B - Ah, doutora Mitiko [Fujita]!

A - Exato.

B - Ela veio de São Paulo, doutora Mitiko [Fujita]?

A - Isso!

B - ...do Adolpho Lutz?

A - Isso, isso. E foi que doutor Hermann a contratou.

B - Muito legal! Isso é nosso?

A - Isso é de vocês. E esse também, esse trabalho também da Revista da Associação aqui do Rio Grande do Sul, porque é um trabalho difícil, não é? Em que nós temos todo o... eu acho que facilita o trabalho de vocês...

B - Ah, tem uma trabalha de frequência de tipo do pólio vírus isolado no caso de dispositivo no período de 66 a 1973.

A - Isso. Então, aqui por ano, não é?

B - Por ano.

A - E junto com a pólio, todos os vírus que nós fomos isolando...

B - ...pra gravar, senão não entende o que a gente está vendo, não é?

A - É. Ah! Sim. Muitas vezes os casos complicavam, o diagnóstico complicava, porque não vinha só com a pólio, a criança vinha com outros enteros juntos... aí nós tínhamos que fazer essa dissociação...

B - A dissociação.

A - Isso e pesquisando, porque todos eles dão a mesma parte clínica semelhante. Dentro do laboratório quando nós investigávamos a pólio nós, por muitas vezes, encontramos coxsakies do grupo B; coxsakies do grupo A, nós encontrávamos os ecos e essa tabela então dá uma orientação para vocês, não é?

B - Muito rico. Muito rico. E a senhora falou dos seminários nacionais e dos encontros.

A - Sim.

B - E eu estou me lembrando do seu momento em 86, como Assessora Técnica na Divisão de Epidemiologia da SNABS no Ministério...

A - Sim, que eram... que eram a formação das Normas e dos Cursos de Trabalho...

B - Dos cursos. Esse trabalho com o Jorge Bermudez é um exemplo?

A - Isso! É um exemplo. Todos eles... Todos nós éramos, porque nós tínhamos uma... nós tínhamos, o nosso trabalho tinha que ser padronizado. Seguir uma única técnica, não é? E todos iam pro centro de referência, não é? Para que todos trabalhassem da mesma maneira, toda integrada o Brasil.

B - É, é que nós ficamos na dúvida se fosse o momento, por exemplo, que a senhora tivesse ido morar em Brasília durante um ano.

A - Não, não, não, não!

B - Não é isso?

A - Não.

B - É um trabalho de assessoria com um fim?

A - Com um fim e com o trabalho na regional, não é?

B - Com norma, a padronização ...

A - Regional, não é?

B - Isso.

A - Cada um nas suas regiões.

B - Isso. Está joia.

A - E aos laboratórios centrais de cada estado competia a realização do isolamento viral, a titulação de anticorpos para o diagnóstico final e, a medida que as campanhas de vacinação eram realizadas em todo o país, os casos foram drasticamente diminuindo, porém o diagnóstico cada vez tornava-se mais difícil de ser realizado. E, por determinação...

B - Por que o diagnóstico se tornava cada vez mais difícil de ser realizado?

A - Mais difícil de ser realizado porque com as campanhas de vacinação, eram três vírus que começavam a formar o anticorpo...

L - É, eram três vírus.

A - Eles competiam com os vírus selvagem e as respostas em questão de neutralização de anticorpos já não eram... não tinham os mesmos títulos da época da poliomielite. Por exemplo, quando não havia vacinação, se eu isolasse um pólio, o título...

L - Era isolado.

A - ... era bem característico e com um desnível bem alto de quatro vezes. Enquanto que quando houve as campanhas de vacinação, os títulos já não davam a resposta desejada. Então, o exame cada vez se tornava mais difícil. Os resultados que nós tínhamos eram bastante complicados.

B - Complicados.

A - E, eu já tive pacientes, assim, com resposta nenhuma de anticorpos com cinco doses de vacina. Foi estudada a parte imunológica, esse paciente era... tinha problemas imunológicos. Então, o exame para ser padrão para uma erradicação se tornava cada vez mais difícil.

L - Mais difícil.

A - Mais difícil e havia a necessidade de um laboratório central porque os vírus competiam, o selvagem com o vacinal, e nós tínhamos que fazer essa diferenciação para saber se o vírus que estava sendo isolado era um vírus proveniente da vacina ou era o próprio vírus selvagem que ainda circulava. Então, por isso que foi designado, não é? O...

B - Ter um laboratório central.

A - Ter um laboratório central...

B - Quer dizer, era difícil pensar esse nível de técnica e de, e de especificidade para os laboratórios regionais? Era difícil porque...

A - Era inviável, porque a própria OPAS...

B - Era inviável, pelo custo?

A - É, para padronizar, ela aceitava todos eles, nós remetíamos ao Fiocruz, e o Fiocruz remetia...

B - Remetia?

A - É, e eu tenho aqui inclusive alguns transpasses(?) da época para mostrar que hoje teria a... Só para curiosidade, não é? Eu acredito que isso também tenha... Ó, já esse trabalho... esse daqui é um resultado que eu recebi em 84, ó! Essas crianças... já na época, já era feita a... se procurava saber se era um vírus vacinal ou selvagem e quem fazia, ó, ia pro laboratório central, eles mandavam para Holanda e pro CDC. Aí vinha a resposta, o nome do paciente, a procedência, os vírus isolados e esses vírus que foram isolados aqui no nosso laboratório e aqui as respostas, ó! Salden Laik(?), não é? Que era um vírus vacinal que estava provocando, então, nós já estávamos iluminando por completo...

B - O selvagem?

A - O vírus selvagem, nós já estávamos com o vírus vacinal com a prevalência. Aqui também outro...

B - Interessante que esse documento que a senhora está mostrando para gente (tosse) ele é encaminhado... é pro Marlo Libel...

A - E ele encaminhava ao laboratório.

B - Porque ele era coordenador da Unidade... não é? Da Vigilância.

A - Exatamente!

B - De Controle Epidemiológico.

A - Isso!

B - Ele mandava para os laboratórios, para o laboratório ficar ciente...

A - Ficar ciente de que o exame que nós havíamos feito estava compatível...

B - Compatível.

A - Foi feito, estava correto. Vem uma resposta, confirmado pela Holanda e pelo CDC, porque o laboratório estava em condições de inclusive de trabalho...

B - Mais interessante ainda! Porque quem era Diretor do Departamento Nacional de Epidemiologia no Ministério da Saúde era o Roberto Becker.

A - Encaminhando...

B - Então, é interessante ver o doutor Roberto Becker, encaminhando pro doutor Marlo Libel uma referência

A - Uma referência...

B - Do laboratório daqui. (**risos**) Muito rico.

A - Exatamente. Era. E, na época, assim, só por curiosidade, aquela epidemia de... do Paraná, não é? Também eu tenho uma separata que eu também vou dar a vocês, com grande... comparando o Rio Grande do Sul, não é? Que o que chama a atenção para vacinação, não é?

B - Foi esse que foi publicado na...

A - Foi esse...

B - Em São Paulo, não é?

A - Em São Paulo...

B - ...na Revista de Microbiologia?

A - Exato! Porque muito me preocupou essa epidemia e eu não...

B - Esse também é nosso?

A - Esse é de vocês. Eu gostaria que isso, não acontecesse mais e foi o porquê que eu publiquei. Eu tenho aqui parte dos, das nossas anotações, só para curiosidade, numa época, não é? Que não havia vacinação. Vacina: Não. Não. Não. Não. Olha aqui a quantidade de vírus isolados ó!

L - Caramba!

A - Aqui, aqui. Era assim norma, normal que a gente isolasse, não é? O título de anticorpos também, ó: para pólio I já era 320, era um título muito alto, não é?

B - Quantidade de agudos, não é?

A - Exatamente! Ó, passava de 1 para 10, para 1 e 80, não é? Que já era essa conversão drástica, não é? e não havia resposta de anticorpos pros outros... pro pólio II e III que também a vacina produzia. Então era uma doença característica, não é? Que nós... era comum... nós... todos os nossos trabalhos assim ó: pólio, pólio, pólio. E, de repente com a vacinação, com as campanhas, ele simplesmente, ele acabou. Não apareceu mais. Graças a Deus a gente eliminou esse... Então, fomos muito felizes nessa parte...

B - Nessa parte, não é?

A - É.

B - E deve ser uma sensação... como é que a senhora vive isso? A sensação de ter participado do processo de eliminação.

A - Pois é.

B - Não é? de ter participado da erradicação.

A - É muito gratificante e...

B - ...de uma doença.

A - É muito gratificante, porque eu acredito que se me dessem essa escolha, por uma pessoa eu faria tudo, quanto mais por um grupo tão grande, com uma repercussão tão grande... que foi. E, eu agradeço a oportunidade e quero dizer que... me sinto privilegiada, por ter

participado de um trabalho com a relevância e o reconhecimento das Instituições máximas, brasileiras e internacionais, que a OMS e a OPAS, entre outras, não é? E conviver com colegas capazes e estabelecer amizades sinceras, não é? Como foi o nosso caso com essa integração com os colegas do Brasil todo.

B - Certo. Nossa! A gente é que tem que agradecer. Aí aproveitando, só para eu aprender um pouquinho de diagnóstico...

A - Sim.

B - Porque a senhora era é nossa professora. (**risos**)

A - (**risos**) Quem dera, não é?

B - Aí nós temos aqui uns termos, que a gente queria entender isso na prática, não... não é a explicação bioquímica, nem... não.

A - Não, não.

B - É para entender o grau de dificuldade de cada diagnóstico.

A - Sim.

B - E o papel que cada um teve no seu momento.

A - Sim.

B - Então, assim, pensando a evolução, a gente sabe da... o diagnóstico de pólio vírus com teste de inoculação em cultivo de tecido de macaco. É um tipo de teste que segundo o doutor Eduardo Maranhão, por um momento foi feito?

A - Não, era... Não, era... o trabalho de rotina era esse.

B - Era rotina?

A - Era rotina, nós tínhamos... nós recebíamos o material e o vírus, ele precisa de um agente vivo para se modificar, não é?

B - Para se modificar.

A - Aí, substituía... o animal era substituído por esses tecidos, nessas linhas celulares, que eram provenientes... e ele, parasita essas linhas e ele se multiplica lá dentro, porque ele não tem por si uma bactéria de se multiplicar. Então por isso essas linhagens e por isso a dificuldade desse trabalho todo.

B - Hum, hum. Ter que manter tudo vivo...

A - Tudo isso...

B - ..ter manter tudo controlado.

A - E, sem contaminação.

B - Isso. Aí depois tem a questão da identificação de cepas virais por soro neutralização e em 1991 a soro neutralização deixando de ser a arte, não é? Deixando de ser a técnica. Quer dizer, a questão da soro neutralização...

A - Ela, sempre... nunca deixou. Ela sempre foi muito importante. O que houve...

B - Quer dizer, a mudança, não é?

A - É.

B - Do uso dela, não é?

A - É.

B - Que ela é a base da...

A - Não, o que houve é que nós tínhamos que saber, porque a soro neutralização, ela só diz que é um vírus e que é aquele tipo. Agora, ela não diz se o vírus é selvagem...

B - Ou vacinal. Foi aquela explicação da senhora, quer dizer, teve um momento...

A - ...ou se ele... ele precisa de uma técnica...

B - Outra.

A - ...mais avançada para fazer essa diferenciação. Foi nesse momento em que havia essas campanhas e que a pólio selvagem foi sendo eliminada, houve a necessidade de surgir essa nova técnica. Foi o Fiocruz, através da...

B - Qual é a nova técnica? Qual o nome dela? É essa...

A - A diferenciação intratípica dos vírus...

B - Dot.

A - Isso!

B - Não é?

A - Isso, isso.

B - Dot Blot. (**risos**)

A - Isso. Que antes... que também eram mandados pro CDC, como eu mostrei a pouco, não é? E que o Fiocruz, não é? Com o doutor Edson [Elias] da Silva começou (**tosse**) a introduzir a... essa parte no Fiocruz.

B - Era isso que eu queria saber. O Edson na entrevista dele, ele vai...

A - Ele vai falar sobre essa parte, que não era... não era... não era nós que fazíamos. Nós só fazíamos essa parte da... do isolamento...

B - Da sorologia...

A - ...da sorologia. E o laboratório designado já pela OPS foi o Fiocruz, como o nosso laboratório de referência porque são técnicas que não havia porque estar montando em todos os laboratórios.

B - Nem por recurso nem por controle da qualidade ...

A - Exato. E nem por pessoas também. Porque era muito, muito difícil, não é?

B - Específicas, não é?

A - Específicas. Exato!

B - E aí tem uma referência aqui, que nos anos 90 foi introduzido também um método da *pólio mirage reaction*...

A - E isso aí.

B - É ele?

A - É todo esse.

B - É todo esse.

A - É. que o doutor Edson [Elias da Silva], ele...

B - Está jóia. O intercâmbio a senhora já conversou a gente

A - Sim.

B - A questão das amostras ambientais aqui do Rio Grande esse trabalho, como é um trabalho que a CESTEB fez, não é? De controlar nos esgotos e tal, que vocês fizeram pioneiramente aqui com o doutor Hermann. E no cotidiano continuou, não?

A - Não continuou. Foi uma lástima, não é? Houve uma paralisação dessa parte.

B - Dessa parte não é? A questão de ser laboratório central...

A - Por isso que eu... por isso que eu sinto o doutor Newton [Neves] como pioneiro, não é?

B - O pioneiro, não é? E um homem que tinha uma...

A - Que tinha uma visão, tinha uma visão de...

B - Não é? Vislumbrava com facilidade, não é?

A - É. Era um pesquisador, não é?

B - Induzia pesquisas, não é?

A - Exatamente!

B - A questão de ser laboratório central também, já entendi. Quer dizer, tinha que ser poucos e referidos à OPAS, na América Latina para poder ter esse controle, esse padrão.

L - Padrão de qualidade.

B - A gente tem a referência do sistema nacional de laboratório de saúde pública com doze laboratórios. Quer dizer, teve um momento que se organizou o país todo com laboratórios de referência nos estados. Porto Alegre foi um dos laboratórios de referência, não é? Que a senhora mostra o orgulho dele...

A - Até da Região do Sul, uma região muito grande, não é?

B - Paraná, pelo jeito...

A - Não, Paraná depois também. Montaram um laboratório em Santa Catarina e Paraná e nós ficamos daí com o trabalho só no Rio Grande do Sul.

B - No Rio Grande do Sul. Que já era um trabalhão, não é? (**risos**) Aí já deu. E hoje em dia, o trabalho atual da senhora é diagnóstico com hepatite? É isso? Como é que gente pode designar hoje o seu trabalho. Só para fechar.

A - É, o que houve foi que com o decréscimo da poliomielite, houve assim uma queda de interesse, com as mudanças na direção e que foram... a visão já era diferente. Então, com esse problema de hepatites e de Aids, muitas outras viroses... o laboratório por falta de recursos e pela visão também da direção, ele começou a apoiar outras, não é? E a poliomielite já estava no final...

L - Praticamente erradicada, não é?

A - Praticamente erradicada, se achava, não é? Que não havia... quando era fundamental que tivesse permanecido. Mas fui convidada... o primeiro curso que houve de hepatites no Rio, eu havia feito com a doutora Clara e o doutor Hermann... e eu fui convidada pela Direção para trabalhar nessas hepatites porque nós estávamos com um problema sério na época. Então, eu trabalhei por um período com hepatites virais. E, quando mudou a direção novamente. **(riso)** Quer dizer, passei por diversas direções nesse Instituto, a diretora, sabendo que eu havia trabalhado com isolamento viral e achando necessário o retorno, não é? Ela, novamente conversou comigo e me pediu se eu voltaria a fazer a parte de isolamento viral e se eu remontaria esse laboratório. Então no momento eu estou remontando o laboratório, estou trabalhando e mesmo visando a erradicação do sarampo, não é? Que foi também... o interesse passou para essa parte, não é? e...

B - Ah, fantástico! Quer dizer que hoje é o sarampo. Quer dizer, de novo uma doença em vias de erradicação.

A - E com as meningites virais também que nós temos muitos casos assim que menos são bacterianas. Ficam em aberto. Então, o isolamento viral, ele é fundamental num Instituto de Pesquisa como o nosso e a Direção me convidou...

Fita 2 - Lado A

B - Então, a senhora está contando sobre a questão das meningites virais, que a doutora Lourdes e o doutor Edson [Elias da Silva]...?

A - Estão me apoiando nesse sentido de remontar o laboratório. Inclusive, o doutor Edson já esteve aqui nos visitando, não é? O ano passado e atualmente todos os isolamentos... eu tenho aqui, ó, as lagunas do nosso laboratório, não é? Nós começamos essa parte de remontar o laboratório no ano de 2000. O primeiro caso por... foi um advento adverso à vacina: foi um pólio vírus, que o doutor Edson, ele identificou lá no Rio.

B - E um pólio vírus vacinal?

A - Pólio vírus vacinal...

B - A pessoa chegou a ter a pólio?

A - Eu não sei bem o histórico posterior, eu não falei com a doutora Thereza. Mas eu sei que o doutor Edson me mandou, não é? Já me dizendo que era um pólio vírus vacinal. Tivemos um outro caso com um... um outro entero, não é? E, este ano, já em 2001, trabalhando com as

meningites, não é? De 72 casos, nós já estamos com 7 vírus isolados, não é? Que eu estou enviando novamente para o doutor Edson e para a doutora Lourdes, eu estou... enviei alguns e agora estou enviando pro doutor Edson, que ele se prontificou a atipicar todos eles.

B - Aí...

A - Então, o laboratório está novamente, não é? Atuando...

B - Atuando, em ação.

A - Em ação dentro do isolamento viral e o cultivo celulares.

B - Com o sarampo?

B - Que fantástico!

A - Sempre com a ajuda, não é? E com o apoio de colegas já da época da poliomielite... que foram os que proporcionaram, não é? Estão ajudando para que não seja...

B - É. O que a gente está vendo é, assim, uma espécie de uma cadeia, não é? Varíola...

B - Pólio, sarampo.

A - Exato.

L - A experiência de uma, de trabalhar com a erradicação de uma doença...

A - Exato. Eu acredito que sim.

L - ...serve pra outra, pra outra. Muito interessante isso.

A - Integrado, não é?

L - E até na parte de virologia, não é? Eu não tinha mencionado?

B - E a pólio, basicamente...

L - É.

B - ...está mostrando como foi importante a integração laboratório/prática epidemiológica...

L - Isso. Fundamental.

B - ...já a varíola ensinou como era importante ter epidemiologia...

L - Isso.

B - Ter a vigilância...

A - É.

B - Quer dizer, cada uma acrescentando alguma coisa, não é?

A - Exatamente! Fundamental.

B - E a pólio acrescentando o laboratório, não é?

L - É.

A - Exato.

B - Ontem... E, só uma curiosidade, a senhora tem conhecimento, tem chegado aqui as notícias sobre um surto que está acontecendo num município lá no Rio? Uma comunidade está com uma doença que tem morte súbita e está com dificuldade de identificação...?

L - Ninguém consegue identificar...

B - Alguns dizem: meningite viral; outros dizem: é leptospirose...

L - Em Nova Iguaçu.

A - Pela imprensa... eu tive... tomei conhecimento...

B - Como que é o nome da cidade? do bairro?

L - O nome do bairro é Grama, fica no Município de Nova Iguaçu, uma região da Baixada Fluminense, onde não se tem esgoto...

A - No início achava que fosse uma meningite viral, não é?

B - Ah, tá.

A - Ainda estão em dúvida?

B - Leptospirose...

L - É, está muito confuso.

A - É porque é muito difícil. Os exames de laboratórios assim na... são muito difíceis. Eles... são um grande número de vírus, não é? E de doenças, não é? E de agentes causadores, não é? E com a mesma sintomatologia. Isso dificulta pros diagnósticos e pros médicos também e pra nós dentro do laboratório. E nós não temos também toda a tecnologia pra atuarmos em qualquer... fazermos qualquer diagnóstico. Isso dificulta.

L - Dificulta mesmo, não é?

B - A gente queria agradecer demais a disponibilidade e o prazer de receber a gente e de entender o trabalho, não é? Entender aqui, porque que disse: poliomielite e viemos conversar com a senhora que trabalhou a pólio, mas tem muito mais do que isso. Mas... pedir até desculpas da gente ter feito uma fala tão direcionada para a pólio, mas é porque, no momento, esse é o objetivo, não é? A gente como quer depois fazer um do sarampo, a gente vai ter que voltar. **(risos)** Daqui a uns cinco anos a gente volta pra conversar do sarampo. Mas assim o objetivo foi esse, espero que tenha sido também agradável pra além dessa coisa meio chata de estar gravando, que funciona meio intimidadora, mas a gente esquece dele e conversa.

A - Não, eu...

B - E queria agradecer...

L - É.

B - ...a sua disponibilidade.

A - Não, eu é que fico muito agradecida por essa oportunidade. Pra mim, sempre um prazer de falar sobre **(riso)** a poliomielite, não é? Porque foi... realmente, a minha experiência maior foi dentro dessa área, não é? Então, sempre que eu puder cooperar com alguma coisa com vocês eu me prontifico...

L - Ah, obrigada.

A - ...e fico muito agradecida pela oportunidade. Muito obrigada.

L - Tem alguma coisa doutora Anita que a gente por acaso não tenha perguntado, que tenha passado, que a senhora gostaria de acrescentar?

A - Não, eu acredito que...

L - Sobre a sua trajetória, sobre seu trabalho...

A - ...se falando... com tantos anos de trabalho e com tantas dificuldades dentro de um trabalho como foi a poliomielite, onde os diagnósticos não são fáceis. São... nós passávamos fins de semana, às vezes, trabalhando, não é? A gente falaria muito tempo. Mas eu acho que o essencial foi dito e o principal é que nós erradicamos essa doença. E isso é uma coisa muito boa pra nós todos, não é?

B - Ah, muito obrigada.

L - Está bom. Muito obrigada.